

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Escola de Comunicação  
Graduação em Comunicação Social – Jornalismo

## PROFISSÕES EM EXTINÇÃO: TRÊS RETRATOS

Rio de Janeiro

2004

**Gisele de Araújo Lopes**  
**Milla Monteiro**

PROFISSÕES EM EXTINÇÃO: TRÊS RETRATOS

Relatório do projeto experimental apresentado à banca da Escola de Comunicação da UFRJ, como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientador: Maurício Lisovsky

Rio de Janeiro  
2004

## Sumário:

Introdução	-----1
1.Justificativa	-----3
1.1 Definindo o tema	-----3
1.2 Porque um documentário?	-----4
2.Objetivo	-----8
3.Relatório de Produção	-----9
3.1 Pré-produção	-----9
3.1.1. Pesquisa	-----9
3.1.2. Encontrando os personagens	-----10
3.1.3. Preparando a gravação	-----11
3.1.4. Definindo os equipamentos	-----12
3.1.5. Roteiro de gravação	-----13
3.2.Gravação	-----14
3.2.1 – Dia 1: amolador	-----14
3.2.2 – Dia 2: ourives	-----16
3.2.3. - Dia3: o chapeleiro	-----17
3.3. Pós-produção	-----18
3.3.1.. Decupagem e pré-roteiro	-----18
3.3.2. Roteiro e edição	-----19
4. Conclusão	-----20
5. Bibliografia	-----21
6. Anexos	-----22 e 23

## **Agradecimentos:**

Agradecemos, em primeiro lugar, aos nossos personagens, que nos receberam e contaram suas histórias. Às nossas mães, pela paciência, incentivo e carinho. Ao Alexandre, por estar do nosso lado todo o tempo. Esse projeto também é um pouco seu. Ao Tito, que com sua dedicação, cumpriu muito mais que sua obrigação, e deixou aqui registrado o seu olhar. Ao nosso orientador, Maurício Lissovsky, pela ajuda e disponibilidade. E, por último, à Renata e todos os outros amigos que de alguma forma contribuíram para este trabalho.

## **Introdução:**

Este relatório refere-se ao documentário “Profissões em Extinção: Três Retratos”, projeto final para conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Ele pretende especificar as etapas do processo de produção do trabalho, desde sua concepção até a conclusão do vídeo. O projeto consiste num vídeo documentário curta-metragem que aborda o tema profissões em extinção a partir de três personagens: um ourives, um chapeleiro e um amolador de facas.

O declínio de algumas profissões que hoje caminham para a extinção, consequência dos processos de globalização e revolução tecnológica, será mostrado através dos depoimentos desses três homens, que ainda hoje sobrevivem exercendo algumas das profissões que estão desaparecendo.

Partindo da decadência de suas profissões - ponto básico em comum entre eles - , procurou-se também explorar outras questões convergentes de suas vidas, traçando então um retrato único, apesar de bastante heterogêneo, desse profissional que de uma hora para a outra teve seu espaço assimilado por máquinas e novas tecnologias. Dentre as várias questões presentes simultaneamente nas vidas das três personagens, o samba acabou por destacar-se: ele se tornou um pano de fundo que atravessa o documentário, trazendo leveza e descontração.

Outros pontos abordados igualmente com os três entrevistados foram: o processo de trabalho de cada um, o início na atividade, auge e decadência da profissão, família, expectativas para o futuro, entre outros.

O documentário não é um simples registro do fim de algumas profissões, nem sequer pretende ser uma discussão sobre globalização ou revolução tecnológica. A intenção é entender como estas profissões “do passado” conseguem se manter até hoje e como vivem e o que pensam as pessoas que fazem questão de mantê-las. Um olhar mais próximo e individual que humaniza as estatísticas e teses que hoje retratam as mudanças do mundo.

Além disso, o curta leva a um contato fascinante com toda a beleza do processo de produção manual, que tem no barulho das máquinas mais um contador de histórias. Os processos de produção das jóias, dos chapéus e o amolar das facas são o fio condutor desta

narrativa e ao longo dela se misturam, se sobrepõem e até se afastam para que os protagonistas mostrem quem são.

O público deste documentário ouvirá boas histórias, saberá de curiosidades das profissões e das personagens, conhecerá um pouco de cada processo e, certamente, compartilhará de lembranças de um tempo em que se amolavam facas no portão, jóias eram feitas à mão e as moças ainda usavam chapéus.

## 1. Justificativa:

“Quando você se dispõe a ouvir o mundo,  
pode se deparar com coisas absolutamente impressionantes”

*João Moreira Salles*<sup>1</sup>

### 1.1 – Definindo o tema:

O registro e a valorização do passado eram características das sociedades tradicionais que tinham nesse passado suas referências e bases de desenvolvimento. Na sociedade em que vivemos, a velocidade e o constante processo de mudança deixam o passado de lado, esvaziando sua relevância no processo de construção da identidade da sociedade. Giddens e Marx as duas sociedades e explicitam suas diferenças:

“nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes.” (Giddens, 1990, pp.37-8)

“é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar” (Marx e Engels, 1973, p.70)<sup>1</sup>

Embora seja contraditório, essas características da sociedade moderna de deixar de lado o passado e as tradições geram um vazio que acabam por trazer à tona uma necessidade de busca de referências, uma vez que a velocidade e continuidade das mudanças resultam em valores efêmeros que não constroem uma identidade social sólida.

---

<sup>1</sup> Frase citada pelo cineasta João Moreira Salles durante aula do curso de direção de documentário, na vídeo-Fundição, 2001.

Neste contexto, este trabalho de pesquisa e registro pretende fazer o caminho inverso da tendência atual, na tentativa de resgate e documentação de aspectos “esquecidos” pela sociedade moderna, como são as profissões escolhidas para o vídeo.

Este tema surgiu numa aula de jornal laboratório, quando deveria ser produzida uma matéria escrita da editoria Cidade. A princípio, a idéia seria escrever sobre as profissões de rua, que persistiam apesar das grandes lojas e shopping centers. Ao primeiro contato com as “potenciais” personagens, percebeu-se que a história de vida de cada uma e sua trajetória no mundo atual – como sobreviver com profissões antigas num mundo mecanizado – eram muito maiores que o número de linhas disponível.

No processo de apuração para a matéria, constatou-se a dimensão estatística a que o tema havia sido reduzido. Dados, números, gráficos, informações sem rosto, sem identidade, que trouxeram a necessidade de uma busca pelo humano e subjetivo que havia por trás dos números. O desafio, então, era encontrar as pessoas que compunham essas estatísticas e ouvir suas histórias sobre o trabalho e a vida ao longo do tempo em que suas profissões partiram do auge à atual decadência.

Como o intuito não era apenas registrar o fim de algumas profissões, mas também entender as pessoas que fazem questão de mantê-las, o projeto tomou uma proporção muito maior do que seria possível registrar numa folha de papel. Assim, concluiu-se que para conhecer de fato o tema seria imprescindível deixar que as personagens narrassem a sua própria trajetória, explicando seus pontos de vista, suas paixões, mostrando seus rostos e “abrindo” seus locais de trabalho. Além disso, era fundamental mostrar a beleza do processo de produção manual e o barulho das máquinas que mantém esse processo.

## 1.2 - Porque um documentário?

Quando foi feita a opção por este tema para o trabalho de conclusão de curso, sabia-se que era um trabalho audiovisual. Se uma matéria jornalística não era capaz de dar conta de tudo o que o tema oferecia, tampouco o era uma monografia. Além disso, o trabalho monográfico certamente desviaria o foco do projeto para teorias sociológicas, casos, números e estatísticas, descaracterizando totalmente a intenção inicial das alunas de encontrar o indivíduo que existe obscuramente entre estas teorias.

Um vídeo documentário era a única maneira enxergada para a realização do trabalho, pois ao mesmo tempo em que permitia uma documentação, um registro do processo de produção e das histórias daquelas profissões, também proporcionava a entrada no mundo subjetivo de cada pessoa. Apenas um meio que buscasse a verdade poderia fazer aquilo que foi idealizado para este tema.

A busca incessante por flagrar a “realidade” é o que move o cinema documentário, fazendo-o tão plural que muitas vezes pode-se pensar que não é um segmento do cinema, mas vários. Ao longo dos anos, muitos estilos e modos de retratar o real foram sendo desenvolvidos por diversas correntes de documentaristas, desde Robert Flaherty e Dziga Vertov até os dias atuais em que Michel Moore traz o documentário para a cena pop internacional.

O documentário não tem função de informar, mas permite mil maneiras de conhecer. Com as novas tecnologias, surge a possibilidade de produções baratas e altamente experimentais que misturam várias linguagens, equipamentos, mídias (animação, fotografias, imagens de arquivo). É a possibilidade de dar cada vez mais voz àqueles que estão distantes dos meios convencionais.

Entre tantas informações e teorias sobre o tema, este trabalho apresenta-se com inúmeras influências, muitas vezes completamente divergentes. O Cinema Direto, por exemplo, direcionou grande parte das concepções e planos, mas na prática seus “dogmas” não se revelaram práticos e condizentes com as expectativas para o vídeo.

No cinema direto todo o material é reduzido e a equipe mínima para “evitar” interferências na “realidade”. No entanto, prega-se um tempo de convívio entre documentarista e documentado, o que não aconteceu neste vídeo. Neste sentido, este trabalho retomou a experiência de Flaherty que inaugurou a fórmula “um dia na vida de”, tantas vezes repetida ao longo dos anos.

Outra influência foi a visão mais pessoal e intimista. No cinema de Jonh Hiwston, por exemplo, há sempre um tema central “grandioso”, porém narrado a partir de um drama pessoal, alguém que representa o todo e ao mesmo tempo é único e singular, e assim é descrito. Um tipo de cinema que aproxima o espectador, pois traz identificação direta com as personagens.

Durante o processo de pré-entrevistas para a escolha das personagens, foi uma preocupação discutida e relativizada o fato de, nesses contatos, captar apenas o mínimo indispensável de informações sobre o personagem, para que na hora da gravação já não houvesse um conceito prévio da realidade a ser desvendada.

Nos três casos, esse pré-contato aconteceu de forma muito diversa, o que também trouxe resultados e experiências diferentes.

Com o ourives, com quem houve um maior contato e cujas histórias eram conhecidas, criou-se grandes expectativas, que na hora da gravação foram, em parte, frustradas. De frente para a câmera, a descontração e a malandragem que ficaram claras na pré-entrevista deram espaço à concentração, e as boas histórias foram deixadas de lado, pois havia naquele profissional um interesse maior em mostrar didaticamente o procedimento. As respostas que não tinham a ver com o processo de produção da jóia eram monossilábicas e o personagem se tornou bem menos que o esperado.

Lidar com essa frustração e conduzir a entrevista tornou-se muito mais complicado pois insistiu-se em “arrancar” daquele personagem um outro que já existia no imaginário das diretoras e para elas era mais caro. Dessa forma, o personagem que o ourives queria ser naquele momento não foi adequadamente explorado.

Com o chapeleiro, a experiência foi o extremo oposto. O primeiro contato foi rápido e superficial e a impressão era de um homem mal-humorado e de pouca boa vontade. A escolha dele deveu-se exclusivamente a uma inexplicável e instantânea empatia das diretoras com o personagem. Sem um porquê específico, acreditou-se que seria interessante.

Antes da gravação, o que se pensava é que cada história teria que ser conquistada com muito esforço e que o jeito mal-humorado seria a própria graça. No entanto, durante a entrevista, Seu Almir mostrou-se cheio de carisma e praticamente falou sozinho tudo o que se pretendia perguntar.

O amolador de facas foi, desde o início, o personagem mais desejado. Uma profissão que em poucos anos praticamente pulou do comum para o anonimato, uma atividade que daria ritmo e dinamismo ao vídeo e sobretudo uma lenda no Rio de Janeiro. Ele foi também o mais difícil de se encontrar, e quando conseguimos finalmente achar um, já não havia tempo para pré-entrevistas. Até o dia da gravação, o único contato que se tinha com o amolador havia sido feito por telefone, o que resultava em poucas impressões e expectativas sobre ele. O amolador

foi a decisão pelo tiro no escuro. Conhecer alguém diante da câmera e extrair dela todos os seus potenciais foi um desafio que exigiu mais atenção e sensibilidade no olhar.

## **2. Objetivo:**

O documentário busca resgatar algumas profissões que vêm desaparecendo a partir do processo de globalização e de um acelerado avanço tecnológico. Nossas personagens exercem ainda hoje atividades que um dia já tiveram grande importância na sociedade e que agora caminham para o esquecimento. A idéia é traçarmos junto com elas uma ligação entre passado e presente, mostrando o processo de decadência de suas atividades dentro de um contexto global de acelerada transformação e apresentando a saída pessoal que cada uma delas alcançou para o problema, que só se conhece por estatísticas e números em grande escala. Como essas pessoas vivem hoje? O que esperavam e o que conseguiram realizar? O que esperam do futuro?

“Profissões em Extinção: Três Retratos” é um convite a um olhar mais próximo e individual sobre as estatísticas e teses que hoje retratam a mudança do mundo a partir da globalização e do avanço tecnológico. Mais do que investigar o que aconteceu no mundo e as grandes mudanças sociais e comportamentais, procura-se desvendar o que ocorreu na vida de algumas pessoas atingidas diretamente por esse processo através da obsolescência de seus trabalhos.

### **3. Relatório de produção:**

#### 3.1. Pré-produção

O processo de pré-produção foi dividido em etapas. A primeira consistia em realizar uma pesquisa que identificasse as profissões que seriam abordadas no vídeo. A segunda, referia-se a aspectos mais práticos da produção, como organização das gravações, seleção de equipamentos, elaboração do roteiro de filmagens e definição da equipe.

##### 3.1.1. Pesquisa

Na primeira etapa realizou-se uma pesquisa através de livros, sites e entrevistas com o objetivo de localizar, entre as profissões atualmente em decadência, aquelas que encontram-se, de fato, em processo de extinção. Para classificá-las como tais, adotou-se como critérios: o fato do número de profissionais em atividade ter tido uma substancial queda nos últimos anos, a existência de tecnologia mais avançada que tenha substituído o trabalho direto do profissional, a queda da demanda pelo produto final daquela profissão.

A pesquisa resultou em uma lista com 19 profissões diferentes (*anexo 1*), que iam desde aquelas que realmente já não existem nos grandes centros, como carpideiras e parteiras, até profissões já não muito comuns, mas ainda encontradas com certa frequência, sobretudo em determinadas áreas da cidade, como por exemplo sapateiros, ainda comuns nos subúrbios do Rio. Além disso, havia na lista algumas profissões que tiveram seu caráter e seu “lugar” modificados, como é o caso dos ourives. Esses profissionais, que antes trabalhavam em pequenas oficinas esculpindo metais de forma quase que totalmente manual, hoje chamam-se designers, trabalham em grandes lojas com o auxílio de sofisticados equipamentos que diminuiriam significativamente sua atuação direta no processo de produção.

Da lista de 19 profissões, foram retiradas as mais citadas, entre aquelas que ainda existem, de alguma forma, na cidade do Rio de Janeiro. Este seria, então, o ponto de partida para a busca das personagens do documentário.

### 3.1.2. Encontrando os personagens:

A escolha foi começar os contatos com os potenciais personagens pelas profissões que de uma maneira ou de outra ainda são facilmente encontradas. Em cada uma destas profissões, como costureiras de vestidos de noiva, contactou-se de dois a três profissionais dos quais escolheu-se apenas um, ou nenhum, eliminando-se assim mais de 10 profissões.

A abordagem aos potenciais personagens foi feita de maneira informal, através de visitas a seus locais de trabalho, em geral sob a prerrogativa de interesse por seus “produtos”. Neste contato, era travada uma breve conversa, onde procurava-se identificar algumas características das personagens. Para tanto, traçou-se um “roteiro” prévio desta “conversa” com pontos chave a serem abordados. Entre eles, o tempo de profissão e o modo como ingressou na atividade. Se, em comum acordo, houvesse interesse pelo profissional, ele passava a uma terceira lista.

Ao mesmo tempo em que aconteciam os primeiros contatos com os potenciais personagens, prosseguia-se uma pesquisa através de sites, antigas matérias de jornal (*anexo 2*) e, sobretudo de uma rede de contatos de pessoas, em sua maioria amigos e familiares, que conhecessem o cotidiano da cidade e pudessem informar onde encontrar os profissionais procurados, preferencialmente, ainda em atuação no mercado de trabalho.

Chegou-se então a 11 profissionais, nem sempre mais de um por profissão, os quais sofreram o mesmo tipo de abordagem informal dos primeiros.

A partir deste ponto, a lista foi colocada em ordem de preferência. Para tanto, foram considerados fatores subjetivos, como simpatia, facilidade de expressão e motivação ao falar da profissão e de si mesmo; fatores estéticos tanto do local de atuação de cada profissional como do processo de produção em si; dinamismo da rotina de trabalho; curiosidades sobre a atividade e a vida pessoal, entre outros.

Ao final desta etapa, havia uma terceira lista de profissões com apenas um personagem por profissão. O desafio então, era retirar dela apenas três pessoas que contariam suas histórias e mostrariam um pouco do seu trabalho.

Isto feito, era necessário um novo contato com os escolhidos para explicar-lhes o trabalho e conseguir autorização para as gravações. Não foi uma fase fácil. Muitos não foram receptivos à idéia e alguns queriam pagamento em troca. A única exceção foi o amolador de

facas, que era o mais difícil e encontrar e só foi definido 2 dias antes da gravação, por telefone.

### 3.1.3. Preparando a gravação:

O próximo passo foi resolver coisas mais práticas para a gravação: fechar equipe, o plano e o roteiro de filmagens. O plano deveria ser o mais completo possível favorecendo a eficiência da produção, o aproveitamento do tempo e a precisão do orçamento. De acordo com datas, horários, locais de gravação, e da residência das pessoas da equipe, estipulou-se com antecedência as melhores rotas de deslocamento, equipamentos necessários, média de gastos diários e outras necessidades específicas para cada dia. Além disso, foi realizada uma rápida cotação de preços de fitas e equipamentos.

Com relação à equipe, a idéia era apostar num número reduzido de pessoas, sempre visando o mínimo de interferência possível na rotina das personagens. Um câmera, um operador de áudio e as duas diretoras, que também se revezariam na produção além do editor, que se somaria à equipe na última fase do processo. Mais tarde, com dificuldades que surgiram no decorrer do primeiro dia de gravação, foi assimilada mais uma produtora à equipe, especificamente na gravação do ourives. Na gravação do chapeleiro, foi retomada a equipe inicial com quatro pessoas, porque além do pouco espaço o local era menos problemático. Na escolha das pessoas foram priorizadas aquelas que apresentavam um olhar mais ou menos coerente com a idéia das diretoras para o documentário. Por isso, foram escolhidas pessoas de quem já se conhecia o trabalho, e com os quais já havia uma identificação anterior.

O responsável pela captação do som durante as gravações, acabou se tornando também o editor do documentário. Desta forma, o trabalho de montagem foi facilitado, uma vez que, além de conhecer de perto os personagens e o material, o editor pode manter um diálogo com o câmera, simultaneamente às gravações, proporcionando planos e cortes que o editor julgava necessários.

Nas reuniões com a equipe, foram dados detalhes sobre locações, tipo de trabalho pretendido e a rotina de cada personagem. A partir daí, foram definidos todos os equipamentos a serem utilizados e outros materiais necessários às gravações.

### 3.1.4. Definindo os equipamentos:

Como a proposta era o uso de luz natural, o equipamento de iluminação era somente o básico necessário para casos de emergência. Um refletor e tripé, utilizados em uma única situação durante um curto espaço de tempo.

Levando em conta que o conteúdo das entrevistas era o mais importante, mas que o ruído das máquinas e do ambiente também era necessário para compor o cenário, o microfone direcional pareceu ser o que melhor se adequava. No entanto, em alguns momentos, os ruídos externos se sobrepunham ao áudio das entrevistas, tornando-os quase incompreensíveis em determinados trechos. Por isso, foi inevitável o uso do microfone de lapela, antes separado apenas para casos de emergência, mas que acabou revelando-se a melhor opção. Muitas vezes, a gravação de áudio foi feita em dois canais separados, utilizando-se simultaneamente direcional e lapela.

A utilização de apenas uma câmera foi uma decorrência da opção básica de reduzir equipe e equipamentos na busca de um mínimo de interferência. A princípio, seria utilizada uma mini-dv caseira, com baixa qualidade e resolução de cores. No entanto, com a disponibilidade da câmera da ECO, também leve e pequena, foi possível agregar uma melhor qualidade de imagem. A única exceção à regra de utilização de uma única câmera foi durante a seqüência do samba na gravação do ourives. Para capturar o maior número de detalhes possível, e talvez alguns contra-planos, a mini-dv caseira foi operada pelo assistente de produção apenas nesta parte do dia. No entanto, o resultado da baixa qualidade da câmera e do ambiente com pouca iluminação natural deixou muito a desejar.

Por causa da burocracia e da indisponibilidade da ilha de edição não-linear da ECO, foi necessário buscar uma alternativa para a edição do trabalho. A alternativa foi encontrada na produtora Tecnopop, que disponibilizou o equipamento necessário para a edição. O documentário foi finalizado num mac G4, Final Cut e salvo em Hd externo.

### 3.1.5. Roteiro de gravação:

O roteiro de gravação foi pensado em duas etapas. Primeiro, foram feitas as pautas das entrevistas: uma geral e outras três específicas para cada personagem. Além do trabalho, essas pautas abordavam família, diversão e curiosidades.

A pauta de perguntas geral abordava temas pertinentes a todos os entrevistados. Essas perguntas eram relativas à atual condição de cada profissão no mercado, ao início da carreira de cada um, às expectativas para o futuro, entre outras. O objetivo era encontrar pontos de consonância entre os personagens que serviriam para ligar uns aos outros durante o processo de montagem. Nas pautas específicas, eram abordados temas sobre as singularidades de cada profissão e cada personagem. Com o chapeleiro, por exemplo, falamos sobre tamanhos de cabeça e tradição da família na profissão.

As perguntas foram organizadas para cada personagem numa ordem que facilitasse a fluidez dos pensamentos dos entrevistados para que se encadeasse um processo narrativo. Em geral essa ordem foi determinada pela cronologia, mas a proximidade de temas e também foram considerados. Além disso, tinha-se consciência de que era o acaso, acima de tudo, que ditaria o encadeamento das questões.

Levar as questões que deveriam ser abordadas em forma de perguntas e não em simples tópicos também foi uma opção no sentido de facilitar a narrativa das personagens. As perguntas foram pensadas de modo a dar o mínimo possível de brechas a respostas monossilábicas. Esse foi um trabalho demorado e desgastante, e no fim, não totalmente satisfatório.

Num segundo momento da construção do roteiro de filmagens, foram definidas as imagens básicas a serem captadas. De acordo com os temas abordados nas perguntas, foi feita uma lista de imagens, posteriormente passada ao operador de câmera. Aqui, definiu-se também a necessidade de planos-detulhe das atividades sendo realizadas e do ambiente de trabalho. Esses detalhes (como mãos trabalhando, olhares atentos, ferramentas) eram importantes para a linguagem íntima que se buscava.

Foi decidido também que as entrevistas transcorreriam durante o processo de produção e, posteriormente, em um momento específico de entrevista, seriam abordados temas

pendentes. Definiu-se que não haveria produção ou encenação da “realidade”. Além disso, ficou acertada a captação de momentos de atendimento a clientes, caso houvesse.

### 3.2.Gravação

A idéia era mostrar um dia de trabalho na vida de cada personagem, com o mínimo possível de interferência, capturando aspectos de suas vidas profissionais e pessoais. Por isso, o horário estipulado para gravação foi o horário do início do trabalho. Optou-se por não produzir fatos, apenas registrá-los como aconteciam naturalmente. Nenhum dos clientes ou amigos encontrados durante o trajeto foram “produzidos”, tudo foi capturado como acontecia num dia normal de trabalho. As outras pessoas que apareceram na rotina dos personagens - como filhos, esposas, cliente – também foram entrevistadas.

O movimento de câmera (câmera na mão ou tripé) não foi previamente definido e ficou a critério do operador da câmera e da situação em questão. Por isso, o documentário mistura imagens estáticas com câmera na mão.

#### 3.2.1 - Dia 1: Seu Hilmo, o amolador de facas

O amolador costuma fazer um trajeto pelas ruas do Flamengo, das 9 às 13h, com pausa para o almoço. Esse horário de gravação, toda durante o dia e na rua, facilitava muito em relação à fotografia e iluminação, por ter muita luz natural e quadros diversos. No entanto, ficava-se completamente à mercê dos aspectos naturais, como dias nublados e chuva.

No dia da gravação, a equipe estava pronta às 9 da manhã para capturar o exato momento da chegada do amolador.

O amolador de facas foi escolhido, sobretudo pelo dinamismo que daria ao vídeo. O fato de andar pela rua, encontrando pessoas e situações completamente ao acaso trazia o imprevisível e uma dinâmica diferente ao documentário, uma vez que os outros personagens escolhidos tinham locais de atuação muito bem definidos e imóveis.

O amolador tinha dois trajetos Glória e Flamengo. Optou-se pelo Flamengo por questões estéticas e de segurança. O trajeto exato a ser percorrido era desconhecido pela equipe e este era mais um desafio.

O fato de o trajeto ser todo realizado na rua, embora facilitasse a iluminação, trazia uma complicação grande em relação aos equipamentos como vara, microfone direcional, câmeras, tripés, que precisavam ser carregados a cada instante para acompanhar o passo do amolador, que passa a maior parte do tempo andando à procura de clientes.

Era uma situação mais complicada, cheia de singularidades que iam surgindo a cada minuto, e rapidamente ficou evidente a necessidade de mais uma pessoa que se dedicasse exclusivamente à produção, o que só poderia ser consertado em outro dia de gravação. Entre os principais problemas, a investida de curiosos, a existência de sombras, ruídos de rua, trânsito. Por causa dessas dificuldades, em alguns momentos foi inevitável a interferência da equipe.

O fato de o amolador atender a clientes – pessoas desconhecidas e imprevistas – durante toda a gravação, trouxe a dificuldade para se obter as autorizações de imagens dessas pessoas. Além disso, em alguns casos o amolador ia até a casa de alguns de seus clientes, e o principal problema era conseguir entrar nos edifícios.

Do ponto de vista subjetivo, o amolador foi surpreendentemente desenvolvido em frente à câmera, o que costuma ser um problema que não pode ser previsto em entrevistas prévias, pois surge exatamente quando o equipamento é ligado. Por outro lado, ele revelou um aspecto novo durante as gravações, a sua religião, e foi complicado contornar a entrevista de forma a obter informações sobre diversos assuntos além daqueles que ele fazia questão de contar, como histórias de curas milagrosas e salvação.

Num determinado momento do dia, a direção decidiu que era necessário retomar alguns assuntos sem interferências externas. A solução encontrada foi pedir ao amolador que parasse de atender por um tempo e se dedicasse apenas a responder às perguntas. Essa interferência foi considerada essencial pra uma melhor abordagem de alguns assuntos e fica clara no documentário.

### 3.2.2 – Dia 2 : Seu Jorge, o ourives

Nos primeiros contatos, foi constatado que o ourives se expressava bem, contava histórias interessantes e mostrava as curiosidades da profissão com carisma. Além disso, tinha uma forte ligação com o samba (é compositor), e foi decidido que valia a pena explorar esse lado.

O ourives apresentava características diferentes do amolador, por trabalhar em casa. A primeira dificuldade foi conseguir um horário bom para a entrevista, que seria realizada na casa dele em Vigário Geral, onde funciona a sua oficina, num dia em que ele tivesse encomendas e num horário suficientemente cedo para que fosse possível acompanhar todo o processo de produção da jóia.

O dia escolhido para a gravação coincidiu com o feriado de finados, o que trouxe alguns imprevistos. De fato, como o próprio ourives tinha escolhido o dia, ele se preparou para receber a equipe, tentando conduzir a gravação, muitas vezes ignorando perguntas para não se perder na narrativa didática de sua profissão. Além disso, ele programou um churrasco para a ocasião, com o intuito de mostrar não apenas o passo a passo de sua profissão, mas também sua ligação com o samba. Essa postura previamente definida acabou tirando sua espontaneidade, perdendo um pouco do carisma e da leveza com que havia narrado sua profissão por trás da câmera.

Em relação à parte técnica, a gravação com o ourives foi relativamente simples. Boa parte da oficina ficava na parte de fora da casa, recebendo muita luz natural. Apenas uma pequena parte ficava no interior de um dos quartos, mas a luz necessária para as funções dele supria as necessidades da gravação.

Quanto ao som, optamos pelo microfone de lapela porque priorizamos o conteúdo da entrevista e, além disso, a maioria das máquinas era pequena e o barulho delas era perfeitamente captável por este microfone. Além disso, a oficina era bem apertada, o que impediria a utilização do microfone direcional. Na parte externa, durante o churrasco, optou-se pela utilização do microfone direcional e do lapela, porque além da voz dele os outros sons do ambiente eram importantes para o conjunto.

Durante o “churrasco”, consegui-se uma parada para uma pequena entrevista (da mesma forma que foi feito com o amolador), sobre assuntos que ainda não tinham sido

satisfatoriamente abordados. Nesta etapa, o ourives mostrou-se muito mais entusiasmado e carismático, e a entrevista foi mais proveitosa e fluida, tendo com resultado um material mais espontâneo e completo.

### 3.2.3. - Dia3: Seu Almir, o chapeleiro

Seu Almir abre diariamente a Chapelaria Porto, uma pequena loja num sobrado na Central do Brasil, às 9 horas da manhã. A equipe de gravação chegou às 8:15h para flagrar, sem interferências, a chegada do chapeleiro e a abertura da loja.

A localização era favorável: um sobrado antigo no Centro da Cidade, cenário que compunha muito bem o tema de que tratado. Em contra partida, a segurança e os ruídos do trânsito intenso de ônibus e caminhões eram pontos negativos da localização. A melhor opção foi o uso do microfone de lapela, que priorizava os depoimentos do chapeleiro e amenizava a interferência de ruídos externos. Em dois momentos, no entanto, foram usados simultaneamente o microfone direcional e o lapela: durante a entrevista da filha de Almir, porque as interferências dele na entrevista eram pertinentes, e durante a captação do barulho da máquina de costura.

O sobrado mostrou-se menos escuro do que o previsto e por isso a iluminação artificial só foi necessária enquanto o chapeleiro trabalhava no corredor. Foi utilizado um único refletor, e, como não havia contra-luz, usou-se um rebatedor para dispersá-la.

O espaço apertado e entulhado dificultava a movimentação do câmera e uma boa variação em enquadramentos. No entanto, dois espelhos, um de frente para o outro, nas paredes laterais da loja, permitiram uma maior exploração de possibilidades de imagens.

Ao contrário do esperado, a movimentação na chapelaria era bastante intensa, com clientes entrando e saindo o tempo todo e o telefone tocando sem parar. A principal consequência disso era a interrupção constante da entrevista, muitas vezes causando quebra na linearidade da narrativa do entrevistado. Além disso, foram necessários mais pedidos de autorização do uso de imagens do que o previsto na pré-produção.

A surpresa com seu Almir foi positiva. Aparentemente um homem fechado, o chapeleiro revelou-se um ótimo contador de histórias e um personagem de muito carisma.

### 3.3. Pós-produção

#### 3.3.1. Decupagem e pré-roteiro

Os três dias de gravação resultaram em aproximadamente 12 horas de material bruto. Como o objetivo era chegar a um documentário de aproximadamente 30 minutos, foi desenvolvido um processo de seleção de material em duas etapas: decupagem e pré-roteiro e o roteiro final.

Em um primeiro momento, todas as fitas foram assistidas e decupadas, num processo que demorou cerca de 4 dias. A partir da decupagem, foram selecionados pequenos intervalos de tempo, sempre priorizando o conteúdo das entrevistas, ou seja, foi feita uma pré-seleção de áudio. Essa primeira seleção resultou em 2 horas de material, que foi logado e capturado, servindo como a base do copião onde seriam inseridas as imagens de cobertura. A segunda parte do “pré-roteiro” foi a seleção das imagens que cobririam o áudio previamente selecionado, ilustrando o trabalho e as histórias das personagens.

Durante essa primeira etapa do processo, surgiu uma dificuldade inesperada: a decupagem feita na câmera mini-dv tinha um *delay* em relação ao tempo exato que estava na máquina. Isso atrasou em um dia o cronograma de elaboração do pré-roteiro, porque ele precisou ser todo adaptado em cima do *delay* encontrado.

Outra dificuldade encontrada foi a necessidade de linearidade para mostrar o processo de produção em cada profissão. Isso prejudicou a idéia inicial de intercalar os personagens em trechos curtos, de maneira bem fragmentada. Por isso, grande parte do material selecionado nesta etapa segue uma lógica cronológica, que foi quebrada durante o processo de edição. Nesse primeiro momento, todo o material foi separado por personagens, assuntos e por último, blocos de afinidades, como o samba.

Além disso, o copião, que ficou o dobro do esperado, aumentou a necessidade de imagens de cobertura, atrasando e diminuindo a dinâmica de ritmo de trabalho. Todo o processo de decupagem e pré-roteiro demorou cerca de 9 dias, dois a mais que o previsto no cronograma, apertando um pouco o prazo para a elaboração do roteiro e da edição.

### 3.3.2. Roteiro e edição

O roteiro foi estruturado a partir do conteúdo narrativo. Foram privilegiadas as melhores partes das entrevistas de cada personagem e suas melhores histórias. Cada personagem foi pré-roteirizado separadamente a partir do áudio de cada um e em seguida foram escolhidas as imagens de cobertura de acordo com o áudio.

Num segundo momento, o roteiro final começou a ser traçado, misturando os personagens a partir de *links* de conteúdo ou de imagem. Em seguida, deu-se início à edição. Facilitada por um roteiro bem costurado, na edição só houve alteração em relação ao roteiro no tocante às imagens de cobertura: hora em excesso, dando um ritmo muito picotado, hora escasso, tornando o trecho enfadonho. Essas falhas foram corrigidas ali mesmo na ilha de edição. Além disso, alguns problemas técnicos de áudio e vídeo que surgiram, não impediram o uso de trechos julgados essenciais.

#### 4. Conclusão

Resgatar profissões em processo de extinção através de histórias pessoais que retratassem um tempo e um modo de vida geral mas ao mesmo tempo falasse intimamente de indivíduos singulares. Esta era a proposta deste projeto e certamente é o que se tem como resultado final no documentário “Profissões em Extinção: Três Retratos”.

Apesar dos cuidados tomados e da constante tentativa em interferir minimamente naquela realidade captada, sempre houve a consciência de que a interferência e alteração da rotina eram inevitáveis. Não houve pretensão em ser “um observador discreto que recusa a encenação e pretende mostrar a vida como realmente é.” A maneira que hoje esse documentário se apresenta, é nada mais que uma opção pessoal de construção daquela realidade, beneficiada muitas vezes pelo acaso. E não só a equipe, mas cada personagem que diante da câmera fazia-se o personagem que queria, e escolhia seu modo de contar sua história, transformavam o “real” num outro “real” nem por isso menos verossímil.

Diferente do que afirma Bernardet sobre o modelo sociológico de documentário, que “não duvida de que seja a expressão do real”, “não se coloca como representação ou elaboração particular do real”, “Profissões em Extinção: Três Retratos” sabe-se uma pequena pinça, que escolhe breves segmentos de realidade e os organiza no intuito de contar uma história. Não se pretendeu falar de verdades absolutas, até porque elas talvez não existam. O que se quis, foi junto com os personagens, construir uma unidade que possibilitasse ao espectador conhecer três profissões que estão se tornando simplesmente lembranças, três profissionais que já se tornaram estatísticas, três homens que ainda trabalham e vivem mesmo assim.

## 5. Bibliografia

### Livros

- Sganzerla, Eduardo – Os últimos artesãos – Curitiba: Esplendor, 2004.
- Teixeira, Francisco Elinaldo (organizador) – Documentário no Brasil: tradição e transformação – São Paulo: Summus, 2004.
- Bernadet, Jean-Claude – Cineastas e Imagens do Povo – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- Cabral, José Carlos (edição) - Um Balcão na Capital – Memórias do Comércio na Cidade do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro: Senac, 2003.
- Memórias do trabalho: depoimentos sobre profissões em extinção. - São Paulo: CNM – Confederação Nacional dos Metalúrgicos, 1999.

### Sites

- Museu da pessoa.NET
- Ciência e Cultura

### Textos

- Zarias, Alexandre, Rafael Evangelista - O mundo do trabalho em mutação: profissões deixam de existir; novas funções são criadas, 2003.
- Hall, Stuart – A Identidade em Questão, in: Identidades Culturais na Pós-modernidade, 1997.

## 9. Anexo 1:

Lista das profissões mais citadas:

Profissões mais citadas:

- Costureira
- Alfaiate
- Sapateiro
- Amolador de facas
- Vassoureiro
- padeiro de rua
- ourives
- fotógrafo de praça
- chapeleiro
- Taquígrafo
- Calígrafo
- Vendedor de enciclopédias
- Parteira
- Técnico em máquina de escrever
- Pintor de retratos
- Retocador de fotografias
- Tecelã
- Carpideiras

## Anexo 2

**Matéria publicada no jornal O Globo, dia 18/06/2004 Caderno:  
Rio Show  
Crédito= Maria\_Cristina\_Valente**

Consertou, tá novo

Endereços que dão um jeito em quase tudo, do livro à jóia

Na natureza, nada se perde, nada se joga fora. Tudo se conserta. Conhecendo os endereços certos - a maioria deles tão escondidinha que é difícil achar - a Lei de Lavoiser ganha uma versão moderna e mais econômica. Nas mãos de profissionais especializados, pequenos milagres acontecem e objetos que parecem destinados ao lixo voltam a ser artigos de luxo.

Por que, então, jogar fora aquele bibelô de porcelana que pertenceu à sua avó e de que ela tanto gostava? Ou o colar de pérolas usado por sua mãe no aniversário de 15 anos e que anda meio amarelado? Até a fotografia de casamento dos antepassados, esquecida durante anos e anos numa gaveta, pode fazer bonito num porta-retrato de época, em cima daquele móvel estilo Luís XV abandonado no fundo da garagem e soterrado por uma pilha de livros que são verdadeiras raridades. No mundo dos consertos e das restaurações, tudo tem salvação. Garimpando aqui e ali, descobrem-se lojinhas apertadas, oficinas instaladas em sobrados e até estúdios bem montados onde habilidade, técnica e paixão se unem para preservar nossa memória.

Instrumentos de corda

Funcionário há 30 anos da loja Ao Bandolim de Ouro, Osvaldo Martins (foto) perdeu a conta de quantos músicos famosos passaram pela oficina da casa,

especializada em instrumentos de corda. Entre os fregueses "de agora e de sempre", como faz questão de dizer, estão Paulinho da Viola, Beth Carvalho, Jorge Aragão, Lulu Santos... E por aí vai. Brincando, ele diz que músico iniciante que quer fazer sucesso tem apenas que sentar-se na cadeira de plástico que mantém em frente ao seu balcão de trabalho. Não é à toa. Ele teve a chance de ouvir, por exemplo, Alexandre Pires dedilhar em seu violão a música "A barata", bem antes de ela tornar-se o grande sucesso do grupo Só pra Contrariar. Entre uma história e outra, a equipe de Osvaldo fabrica violões e cavaquinhos, além de consertá-los. O problema mais comum é com a afinação. Rachaduras, braços quebrados e instrumentos empenados também são tirados de letra. A reforma geral de um violão, que inclui da troca de cordas e de cavalete ao verniz, sai, em média, por R\$ 500. Só para se ter uma idéia, um instrumento novo custa de R\$ 800 a R\$ 3.500.

Ao Bandolim de Ouro: Av. Marechal Floriano 52, Centro - 2233-2396 e 2233-2567. Seg a sex, das 8h às 18h; sáb, das 9h ao meio-dia e meia.

### Chapéus

A família de Almir Damasio (foto) sempre foi a primeira a saber o que passava pela cabeça dos figurões da sociedade carioca, dos malandros da Lapa ao presidente Getúlio Vargas. A história da Chapelaria Porto, que já foi sinônimo de elegância, começa lá em 1880, quando o avô de Almir começou a trabalhar com chapéus e criou fama no Cais do Porto. Marinheiros que chegavam nos navios carregados de modelos ainda em estado bruto, do Panamá, procuravam seus serviços para engomá-los e dar-lhes forma. Em 1927, o pai

de Almir assumiu, ampliou o negócio e lançou moda, chegando a concorrer e a ser copiado pela principal fábrica do país, a Ramenzone. Os tempos mudaram e hoje a clientela se resume a fregueses de fé como Paulinho da Viola. A saída para não fechar as portas tem sido o teatro, o samba e a televisão. São de seu Almir os chapéus do musical "Ópera do malandro". Ele também reformou os modelos de época usados por Mariana Ximenes e Elizabeth Savalla na novela "Chocolate com pimenta". Além de fabricar chapéus e bonés, seu Almir troca forro, remenda, lava, engoma e reenforma (a partir de R\$ 10) qualquer modelo em dois ou três dias.

Chapelaria Porto: Rua Senador Pompeu 114, sobrado, Centro - 2253-9605. Seg a sex, das 9h às 18h.

#### Máquinas de escrever

Ela já foi o sonho de consumo de secretárias às voltas com contratos em letra miúda e ilegível. Também causou frisson entre escritores. Hoje, a velha e boa máquina de escrever manual é coisa do passado, peça de museu.

Mas para alguns, como Néilson Rodrigues Filho, filho do dramaturgo, ela continua sendo instrumento de trabalho e companheira inseparável. O que exige, é claro, manutenção especializada e difícil de achar. Pois fita que não corre, letras desalinhadas e outros probleminhas têm solução na Diplomaq.

Diplomaq: Rua Gomes Freire 647, sobreloja 202, Centro - 2232-7666. Seg a sex, das 8h30m às 17h30m.

#### Fotografias

Não, não se trata de photoshop. O trabalho desenvolvido pelo Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte é de resgate histórico. De novo se sentindo em casa - o centro funcionou provisoriamente no Arquivo Nacional enquanto o imóvel em Santa Teresa era recuperado depois de problemas estruturais - a equipe comandada por Sandra Baruki faz questão de deixar claro que restaurar uma fotografia antiga não é transformá-la em uma nova, recurso facilmente conseguido através das novas tecnologias, mas respeitar sua história, interromper o processo de deterioração e preservá-la enquanto testemunho de uma época. Um trabalho difícil e praticamente artesanal. Fotos como a da capa desta edição, do acervo de Walter Pinto, que está sendo restaurado pelo centro, exigem tempo, dedicação e muito estudo. Em alguns casos, é preciso enxertar papel, reintegrar partes que faltam e respeitar os limites da intervenção na obra.

- O resultado geralmente surpreende. Entre as principais causas de dano numa foto estão as impressões digitais, a famosa marca de dedões - alerta Sandra.

Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte:  
Rua Monte Alegre 225, Santa Teresa - 2507-7436. Seg a sex, das 10h às 17h.

## Tênis

Sabe aquele tênis que já conhece todos os seus calos? Pois é... Quanto mais velho, melhor. Principalmente se os defeitos da idade forem corrigidos por quem entende do assunto. Pois a Tec Tênis, que conta com 50 postos de coleta espalhados pela cidade, recupera qualquer tipo de pisante. Troca de

palmilha (R\$ 15), de sola, de amortecedores, lavagem, higienização e recauchutagem completa (R\$ 150) são alguns dos itens que deixam o tênis com jeito de recém-saído da loja.

Tec Tênis: Rua Barão de Itapagipe 264, loja C, Tijuca - 2273-4994. Seg a sex, das 8h às 18h; sáb, das 9h ao meio-dia e meia.

Canetas, cachimbos e isqueiros

Nova York tem o tradicional Fountain Pen Hospital, inaugurado em 1946, mas o Rio também conta, há 50 anos, com uma unidade de terapia intensiva para canetas antigas que pode recorrer ao colega americano sempre que surge uma emergência. Entenda-se por emergência a falta de peças para reposição de relíquias como uma Parker 61, de 1959. Lamy, Sheaffer, Montblanc, Cartier e outras grifes que enchem os olhos de colecionadores são figurinhas fáceis na Rua da Quitanda 47, um endereço que também não sai da agenda de quem aprecia um cachimbo ou não abre mão de um isqueiro Zippo ou Dupont. Edson Dias (foto), que trabalha na casa há 36 anos, faz milagres: se uma peça não existe mais, ele trata de criá-la com suas ferramentas. Das penas ao reservatório de tinta das canetas, passando pelos forninhos e pelas piteiras dos cachimbos e chegando ao esmeril e à pedra dos isqueiros, faz-se de tudo na Perito dos Cachimbos, a menina-dos-olhos de Agostinho Pires, que deixou a terrinha em 1954:

- Eu queria comprar uma motocicleta e meu pai não deixou. Me aborreci e vim trabalhar com meu tio no Brasil.

Perito dos Cachimbos: Rua da Quitanda 47, sala 306, Centro - 2242-1097. Seg a sex, das 9h às 19h.

## Relógios

Quem visita Gil Rodrigues (foto) em sua loja, em Copacabana, acha que ele parou no tempo. Dono da Casa Leal, "a mais antiga do Rio" especializada no conserto de relógios, ele vive cercado por modelos como cucos e carrilhões, e conta que a pontualidade na entrega do serviço é apenas um dos mandamentos seguidos há mais de 30 anos pela casa. Para quem não vê a hora de recuperar seu relógio, o aviso: o conserto leva de 30 a 40 dias. A limpeza de um cuco, por exemplo, custa a partir de R\$ 150.

Casa Leal: Rua Barata Ribeiro 681-B, Copacabana - 2255-4810.  
Seg a sex, das 9h às 18h30m; sáb, das 9h às 13h.

## Livros e documentos

Livros, documentos e obras de arte em papel são um capítulo à parte na história da Casa de Rui Barbosa, onde, desde 1980, funciona o Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos (Lacre). O setor é especializado em conservação, restauração e encadernação. Quem procura o serviço geralmente é um colecionador que conhece o valor econômico da peça ou um leigo que tenta recuperar um bem de valor afetivo. A melhor maneira de preservar um livro? É lendo, ensina a coordenadora Maria Luisa Soares:

- Livro esquecido é livro malconservado.

Lacre: Rua São Clemente 134, Botafogo - 2537-0036, ramal 171.  
Seg a sáb, das 13h às 17h.

## Brinquedos

Nesse hospital, todo mundo brinca em serviço. A começar pelo médico responsável, o doutor Luiz Carlos Alves Espinoza (foto). Há 15 anos lidando com pacientes dos mais diversos tipos de doença - de maus-tratos a abandono, passando pelo excesso de uso e pelo próprio tempo de vida - ele confessa que às vezes tem vontade de adiar a alta de alguns doentes apenas para mantê-los por mais tempo perto de si. No Hospital dos Brinquedos de Jacarepaguá, diferentemente de outros na cidade, a relação entre médicos e pacientes está longe de ser apenas profissional.

Plano de saúde, por enquanto, é apenas um sonho, mas as consultas são grátis. O valor da internação - que inclui serviços como troca de cabelo, reposição de acessórios como mamadeiras e sapatinhos e até banho de loja completo - não ultrapassa 25% do valor do brinquedo novo. O diagnóstico é dado em dois dias, no máximo. Carrinhos de controle remoto, bonecos eletrônicos, trenzinhos... Para cada paciente há um especialista. Doutor Luiz só não recupera videogames e bonecas de porcelana.

Hospital de Brinquedos de Jacarepaguá: Avenida Geremário Dantas 1.458, sala 3, Freguesia - 2425-1585. Seg a sex, das 9h às 18h; sáb, das 9h ao meio-dia.

Tapetes persas

Nada de recorrer ao vaso de plantas para esconder um burquinho no tapete persa. Em primeiro lugar porque a água da planta pode respingar e, pronto, as manchas logo aparecem. Em segundo, porque existe na cidade um especialista nesse tipo de conserto. Há 14 anos no mercado, o libanês Najad

Khouri, dono da Isfahan, ensina: quem tem um tapete persa deve procurar assistência assim que algum problema seja detectado (de rasgões a franjas desfeitas). A restauração de uma peça custa entre 5% e 15% do valor do tapete.

Isfahan: Av. Epiácio Pessoa 1.772, Lagoa - 2523-1141. Seg a sex, das 9h30m às 19h; sáb, das 10h às 16h.

### Pérolas e jóias

Pérolas são seres vivos e, se não forem cuidadas, adoecem e morrem. A frase é de Martha Vargens, acostumada a lidar com jóias das mais diferentes épocas há pelo menos 40 anos. Em seu ateliê, em Ipanema, ela põe em prática tudo o que aprendeu praticamente sozinha desde que começou a trabalhar, aos 17 anos, numa loja de jóias. O reenfiamento de colares de pérolas (a partir de R\$ 20, sem nós) e a restauração de peças antigas são as suas especialidades. Martha conta, com orgulho, que nunca devolveu nenhuma peça sem que ela tenha sido restaurada a contento:

- Nunca dizemos não antes de tentar.

Para recuperar as pérolas, que com a falta de uso perdem o brilho e diminuem de tamanho, ela diz que é preciso limpá-las uma a uma com um óleo mineral especial. Como saber se são ou não legítimas? Martha garante que, depois de tanto tempo de prática, basta tocá-las. A melhor maneira de cuidar das suas? Usá-las, ensina, pois o corpo hidrata as pérolas. E mantê-las bem longe de perfumes e cosméticos, grandes vilões que podem provocar manchas irreparáveis.

Martha Atelier das Jóias: Rua Visconde de Pirajá 330, loja 325, Ipanema - 2267-5571. Home page: [www.marthaatelierdasjoias.com.br](http://www.marthaatelierdasjoias.com.br). Seg a sex, das 10h30m às 19h.

#### Perucas

O trocadilho é infame, mas irresistível: em se tratando de peruca, todo mundo está careca de saber que o sobrenome Fizpan tem muito a dizer. Tudo o que aprendeu com o pai, Helcio Fizpan empregou no Studio Jakbell, um centro de tratamento de cabelos que não se limita à questão estética. Por mês, são restaurados em média 150 perucas e apliques. Lavagem (a partir de R\$ 28), implantação de fios, corte e higienização são alguns dos itens oferecidos pela equipe de profissionais.

Studio Jakbell Hair Esthetic Atelier: Av. N. S. de Copacabana 731, sobreloja, Copacabana - 2255-1084. Seg a sex, das 9h às 19h; sáb, das 9h às 13h.

#### Porcelana, cristais e móveis antigos

A loja existe desde os tempos em que vovó era mocinha. Fundada em 1910 pelo português José Ramos, diz a que veio já no nome: Ao Faz Tudo. Instalada desde a década de 30 no número 17 da Rua Visconde do Rio Branco, ela virou referência para colecionadores e/ou apaixonados por antigüidades. Especializada na recuperação de porcelana, cristal, mármore e móveis antigos, a Ao Faz Tudo já era famosa quando o rei Alberto da Bélgica esteve no Brasil, a convite de Epitácio Pessoa. Durante a longa viagem de navio, o leque preferido da rainha quebrou. Alguém se lembrou da casa de Ramos. Feito

o reparo, que não levou mais do que alguns minutos, a nobreza  
agradecida não  
poupou elogios à habilidade do proprietário e espalhou a  
notícia mundo  
afora. Da restauração de peças de Sèvres do Museu do Louvre à  
criação de  
objetos encomendados por Santos Dumont, amigo do dono da casa,  
a Ao Faz Tudo  
tem um currículo invejável. Como diz uma plaquinha escondida  
entre centenas  
de objetos para conserto, "Ao Faz Tudo faz milagres, tem  
coisa que ninguém  
tem. Concerta (sic) coisas quebradas e faz amigos também."

Ao Faz Tudo: Rua Visconde do Rio Branco 17, Centro - 3970-  
0874. Seg a sex,  
das 8h30m às 17h; sáb, das 9h às 14h.

**Matéria publicada no jornal O Globo, dia 01/02/2004, Jornal de Bairro: Serra**

**Crédito=Paulo\_Henrique\_Ferreira**

Ofícios raros, que carregam dignidade

Profissões quase em extinção sobrevivem à modernidade

Carlos Gustavo Kersten, morador de Petrópolis, é mestre numa profissão que não tem escola no Brasil. Talvez por isso, casos como o dele sejam tão raros no país. A arte de restaurar e afinar pianos foi aprendida com o pai, um imigrante alemão apaixonado por música.

- Poucas pessoas fazem isso no Brasil. Não há escola que ensine este ofício.

Na Europa e nos Estados Unidos, um curso de mestre-fabricante de piano tem duração de dez anos - conta Kersten, que já trabalhou na manutenção e no afino dos pianos da Escola de Música da UFRJ e da Sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro.

Em 2003, ele participou da turnê "São Francisco, um rio de música", com o pianista Arthur Moreira Lima. Foram quase quatro mil quilômetros rodados por 12 cidades às margens do Rio São Francisco. De acordo com Kersten, foi uma experiência inesquecível:

- Parecia vida de circo. A cada cidade montávamos e desmontávamos o

espetáculo. A diferença é que tínhamos um piano de cauda, pouco conhecido no interior, que precisava ser afinado para cada uma das apresentações.

'A ARTE DE FAZER SAPATOS, VIOLAS E GUITARRAS', na página 12

Legenda da foto: CARLOS GUSTAVO Kersten afina um piano em sua oficina: uma profissão cada vez mais rara no Brasil

**Matéria publicada no jornal O Globo, dia 19/07/2001 , Jornais de Bairro: Zona Sul**  
**Crédito=Gustavo\_Leitão**

Sobreviventes de antigas profissões

Chapeleira, lambe-lambe, empalhador e calígrafa mantêm tradição de ofícios artesanais

No ateliê de Ruth Guimarães, mais de 500 chapéus de palha e crinol e adornados com tecidos nobres acumulam-se num exíguo espaço de três armários. O acervo é resultado de um ofício transmitido de geração para geração há um século em sua família. Mas que fora dos domínios das Guimarães parece ter seus dias contados:

- A época áurea do chapéu já passou. Atualmente, eles são usados só em casamentos e em ocasiões especialíssimas - admite a filha e sucessora,> Lurdinha.

Instaladas numa casa no Flamengo, elas têm como concorrentes apenas algumas lojas no Centro, como a Chapelaria Porto, e estilistas de renome. São um fragmento da memória urbana assim como empalhadores, lambe-lambes, calígrafos e alfaiates ainda em atuação na cidade.

Prova disso é que parte da produção da família Guimarães, hoje, destina-se à recriação de épocas em que os chapéus estavam em voga. O ateliê já produziu para a minissérie "Os Maias", a novela "O cravo e a rosa" e o filme "Villa-Lobos, uma vida de paixão". Outra parte é alugada para festas e casamentos. Os chapéus são confeccionados pela própria Ruth e uma equipe de cinco pessoas.

Exemplos de sobrevivência de ofícios artesanais como esses são cada vez mais raros, diz Maria Helena Barreto Gonçalves, gerente da diretoria de formação profissional do Senac do Rio. Alguns deles tiveram que sair da programação de cursos oferecidos pela instituição.

- Tínhamos um curso de alfaiate, mas o ofício perdeu a força que tinha e o mercado se fechou. Nossa solução foi substituí-lo pelo de estilismo - conta Maria Helena.

Produção manual ameaçada

O Brasil precisa valorizar a produção artesanal e as profissões tradicionais. Esta é a opinião do professor de história contemporânea da UFRJ Francisco Carlos Teixeira da Silva, que está organizando o livro "Profissões hoje e ontem", a ser publicado pela Editora Senac.

Segundo ele, o Brasil é um dos poucos países do mundo com a possibilidade de combinar produção em massa com estoques artesanais. Como no México e na Índia, a produção artesanal é de alto nível e valorizada no mercado internacional.

Ainda de acordo com ele, ofícios como o de alfaiate, ceramista, marceneiro e chapeleiro aportaram no Brasil antes que o

fordismo - a produção em massa inspirada na indústria automotiva americana - ditasse os rumos do mercado.

- No tempo que um alfaiate levava para fazer um terno, a indústria prêt-à-porter faz 200. Com isso, a riqueza de detalhes se perde - diz o historiador.

Com o governo Juscelino Kubitschek, o fordismo invadiu o Brasil e esses ofícios passaram à margem do mercado.

- Os museus guardam cerâmicas utilitárias que hoje são vistas como obra de arte. Com a abundância de mão-de-obra e desemprego no Brasil, não podemos deixar esse tipo de produção morrer - resume.

